

# A PROPÓSITO DA ETIMOLOGIA DO port. romã

R. C. ROMANELLI

Foi, sem dúvida, João de Souza, nosso mais antigo arabista, o primeiro estudioso das origens de nosso vocabulário a ocupar-se da etimologia da palavra portuguesa *romã*. Em sua obra pioneira, *Vestígios da Língua Árábica em Portugal*, cuja primeira edição, publicada em Lisboa, data de 1789, ele atribuiu a esta palavra origem árabe. Efetivamente, no verbete *ROMAÃ*, escreveu ele, em caracteres arábicos, o étimo da palavra e, a seguir, o transcreveu em caracteres latinos, sob a forma *Romman* (aliás, *rummān*, em correta transcrição), acompanhada da seguinte explicação: “Fruto conhecido por outro nome, granada. Em Damasco, cidade da Syria, foi adorado antigamente o Deos Rimmon,<sup>1</sup> que trazia na mão

---

1. Há aqui um engano de SOUZA, pois *Rimmon*, como nome de divindade, nada tem a ver com o nome da romã. É simplesmente uma adaptação hebraica do semítico ocidental *Rammānu* ‘deus de Damasco e da Síria’, mais conhecido por Adad ou Hadad. A pronúncia hebraica *Rimmon*, em vez de *Rammān*, provém, sem dúvida, de etimologia popular, que deveria relacionar este nome estrangeiro com o nome vernáculo da romãzeira. O semítico ocidental *Ram-*

direita huma romaã, para mostrar, que elle era o protector daquelle povo, isto he, os Caphturins, os quaes trazião esta fructa na sua cota."<sup>2</sup>

Durante quase século e meio, ninguém ousou questionar o étimo indicado por Souza. Admitiram-no tranquilamente os mais illustres arabistas do século passado, como Engelmann (1861), Dozy (1869),<sup>3</sup> Dévic (1876)<sup>4</sup> e Eguílaz (1886).<sup>5</sup> Aceitou-o igualmente, mais tarde, já em nosso século, Lokotsch (1927), conforme se lê em sua sintética, mas segura e erudita contribuição ao estudo das palavras européias de origem oriental.<sup>6</sup>

A contar, porém, de Meyer-Lübke, o vocábulo *romã* passou a figurar, em quase todos os nossos dicionários, como palavra de origem latina. Realmente, desde a primeira edição de seu *Romanisches etymologisches Wörterbuch* (1911-1920), o ilustre romanista alemão sustentou que

---

*māmu* significa, literalmente, 'rugidor, bramidor, atroador, trovejador' e, como tal, é um nome de agente tomado a um verbo representado em acádio por *ramāmu* 'rugir, bramar, atroar', com o qual se relacionam o acádio *rimum* 'rugido, bramido, trovão', o ár. *aramma*, o etiope *armama* 'calar, silenciar'. Cf. W. VON SODEN, *Akkadisches Handwörterbuch*, pp. 949, 950 e 986.

2. JOÃO DE SOUZA, *Vestígios da Língua Árábica em Portugal*, p. 140.

3. DOZY et ENGELMANN, *Glossaire des Mots Espagnol et Portugais dérivés de l'Arabe*, p. 355.

4. MARCEL DEVIC, *Dictionnaire Etymologique des Mots Français d'Origine Orientale*, p. 197.

5. EGUÍLAZ Y YANGUAS, *Glosario Etimológico de las Palabras de Origen Oriental*, p. 484.

6. KARL LOKOTSCH, *Etymologisches Wörterbuch der europäischen Wörter orientalischen Ursprungs*, n° 1729, pp. 137-138.

o port. *romã* proveio do lat. *romana* (scil. *mala*),<sup>7</sup> expressão que, em latim Vulgar, corresponde exatamente ao acusativo plural neutro do lat. cláss. *mālum Rōmānum* 'maçã romana'.

O saudoso filólogo e lexicógrafo patricio, Antenor Nascentes, em seu *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, edição única, datada de 1932, consignou, ao lado da etimologia árabe, a latina, sem, todavia, optar por uma ou por outra. Mas, em seu *Dicionário Etimológico Resumido*, de edição mais recente, datada de 1966, decidiu-se ele pelo étimo latino, com o que endossou a lição de Meyer-Lübke. Outro filólogo e lexicógrafo, o arabista português, José Pedro Machado, na 1ª edição de seu *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, publicada em 1952, subscreveu o parecer do mestre alemão, posição que ele manteve na 2ª edição, datada de 1967.

De então para cá, parece ter-se firmado a convicção de que o étimo da palavra *romã* é efetivamente o lat. *romana* (scil. *mala*), tal como o propusera Meyer-Lübke. É essa, pelo menos, a posição assumida por modernos filólogos e lexicógrafos brasileiros, entre os quais devem mencionar-se Silveira Bueno, no seu *Grande Dicionário Etimológico Prosódico da Língua Portuguesa*, 1ª edição, 2ª tiragem, datada de 1968, e Aurélio Buarque de Holanda Ferreira,

---

7. MEYER-LÜBKE, *Romanisches etymologisches Wörterbuch*, n° 7369.

em seu *Novo Dicionário Aurélio*, 1ª edição 4ª reimpressão, sem data. O *Novo Dicionário Brasileiro Melhoramentos*, já em 5ª edição, datada de 1976, organizado com a colaboração e assistência, na parte filológica, do romanista, Theodoro Henrique Maurer Jr., repete, como os demais, a opinião de Meyer-Lübke.

É lícito, portanto, concluir, em face da total adesão à tese do étimo latino, que se acha francamente superada e definitivamente abandonada a tese da origem árabe do vocábulo de que nos ocupamos. Mas, indagamos, haveria razões convincentes para essa mudança de posição? De nossa parte, cremos que não e é o que nos propusemos demonstrar aqui, socorrendo-nos de dados histórico-literários e fitogeográficos.

Saliente-se, preliminarmente, que a denominação *mala Romana* 'maçã romana', que se pretende ter sido dada, em Latim Vulgar, ao fruto da romãzeira, não condiz com o nome sob o qual foi ele conhecido em quase toda a latinidade. Desde os mais antigos escritores latinos, o nome da romã está amplamente documentado e plenamente reconhecido como o de um fruto estrangeiro, sob a denominação binária de *malum Punicum* 'maçã cartaginesa'. Às vezes, escreve-se simplesmente *Punicum*,<sup>8</sup> isto é, 'a cartaginesa' do mesmo modo que se escreve e se diz, em portu-

---

8. JACQUES ANDRÉ, *Léxique des Termes de Botanique en Latin*, p. 265.

guês, *pêssego*, por *fruto pérsico*, ou da Pérsia; *tangerina*, por *laranja tangerina*, ou de *Tânger*.

Catão foi o primeiro a documentar o nome desta fruta. Com efeito, é em sua obra, *De Agri Cultura*, 51, que aparece, pela primeira vez, a denominação *malum Punicum* 'maçã cartaginesa', evidentemente uma denominação decorrente do fato de os Romanos admitirem a romã como fruto originário de Cartago, antiga colônia Romana ao Norte da África: "*Circa Carthaginem Punicum malum cognomine sibi vindicat.*" Em outra passagem da mesma obra, 51, abona-se de novo o nome: "...*ficum, oleam, Malum Punicum, cotonem aliaque mala omnia (...)* *seri (...)* *eodem modo oportet.*" Varrão, em seu livro, *De Lingua Latina*, 7, 91, refere-se também à romã, servindo-se da mesma expressão: "... *in malo Punico.*" Columela, em sua obra, *De Arboribus*, 12, 41, 1, chega até a chamar a atenção para o nome 'cartaginesas', pelo qual são denominadas as 'doces maçãs granadas': "*Mala dulcia granata quae Punica vocantur.*" Suetônio, em *Domitianus*, 1, 1, biografia de um dos Doze Césares, designa o fruto por igual nome: "... *natus est (...)* *regione urbis sexta ad Malum Punicum.*" Também em Petronio, 31, 11, se nos depara a mesma denominação: "... *cum granis Punici mali.*" São inúmeras, na *Naturalis Historia* de Plínio, as passagens em que ele se serve igualmente da expressão *malum Punicum*.

Afigura-se-nos significativo, por outro lado, o fato de não haver, em nenhuma das línguas ocidentais da família indo-européia, sequer um *nome simples*, genuinamente vernáculo, para designar a romã ou a romãzeira. Surpreende-nos realmente o fato de serem de origem oriental todos os nomes simples nelas atestados, o que vem corroborar nossa presunção de que essa planta não era autóctone na Europa. Isso se evidencia na etimologia dos nomes designativos da romã nas línguas mais representativas do tronco indo-europeu:

O grego, por exemplo, conta com duas palavras, cada qual com uma variante, para nomear, tanto a romã, quanto a romãzeira — ῥοιά (var. ῥοά) e σίδη (var. σίβδη) — mas são ambas de origem asiática.<sup>9</sup> Em armênio, a planta, como seu fruto, são designados pela palavra *nuʻn*, que é, como se verá adiante, empréstimo do persa *nâr* 'romã'. Em albanês, *šegë* 'romã, romãzeira', que, segundo Meyer, é também empréstimo, sem dúvida, de uma língua oriental.<sup>10</sup> Em romeno, o nome usual é *rodie*, que repousa no grego moderno ροδι, este visivelmente um derivado do grego antigo ῥοά, ῥοιά, citado acima. Nas demais línguas românicas, assim como nas germânicas, não há também uma denominação pró-

---

9. Cf. EMILE BOISACQ, *Dictionnaire Etymologique de la Langue Grecque*, p. 864, e HJALMAR FRISK, *Griechisches etymologisches Wörterbuch*, II, p. 660 e 702-703.

10. G. MEYER, *Etymologisches Wörterbuch der albanesischer Sprachen*, p. 401.

pria, formada de um só radical. Cada denominação consiste na aglutinação de duas palavras e, quando constituída de uma só, esta resulta sempre da simplificação de duas, das quais uma é um substantivo designativo da maçã<sup>11</sup> e outra, um adjetivo, às vezes substantivado, designativo da espécie granada:<sup>12</sup> italiano *melagrana*, francês *grenade*, espanhol *granada*; sueco *granatäpple*, dinamarquês *granataeble*, norueguês, *granateple*, inglês *pomegranate*, alemão *Granatapfel*, holandês *granaatappel*. Igual composição ocorre no ramo báltico, onde também não há, para romã, um nome simples: lituânio *pomegranatas* e letônio *granatabols*, composto este no qual o elemento *abols* é corradical do ing. *apple*, al. *Apfel*, sueco *äpple* etc. No ramo eslávico, ocorrem em checo ou boêmio *granátové jablko*, literalmente, 'maçã granada', em polonês *granat* e em russo *granát*, mas, em búlgaro e em sérvio-croata, a designação consta de um só nome, este, porém, de origem asiática: búlg. *nar* (var. *narǔ*), empréstimo, como o armênio, do novo persa *nâr* (cf. o curdo *enâr*),<sup>13</sup> e sérvio-croata *šipak* (= ant. *šipŭkŭ* 'rosa' e 'romã'),

---

11. Em latim, empregam-se três nomes: *malum*, *melum*, *pomum*. Os nomes germânicos repousam sobre o tema \**aplu-*, do ie. \**abel*, \**abol* 'maçã'.

12. Do lat. *granata*, pl. de *granatum*, este de *granum* 'grão'.

13. Cf. SCHRADER-NEHRING, *Realexikon der indogermanischen Altertumskunde*, I, 408-409.

nome derivado do proto-eslavo \*šipŭ, mas que, em última instância, repousa no semítico.<sup>14</sup>

Considerando, pois, que a romãzeira não era nativa em parte alguma do território europeu, não há como justificar, para seu fruto, o pretendido nome de *mala Romana* 'maçã romana'. Em Cartago mesmo, donde havia sido transportada para a Itália, a planta não era autóctone. Foram emigrantes fenícios, fundadores de Cartago, que a tinham levado da Fenícia para lá. Tem-se, é verdade, notícia do cultivo da romãzeira no antigo Egito, pois seu nome figura na fórmula de um vermífugo, citada no repertório farmacológico daquele país, mas nada leva a crer que fosse nativa ali. O próprio nome *erman* (var. *herman*), com que em copta se designavam a planta e o fruto, é empréstimo do assírio *armanû*.<sup>15</sup> Poder-se-ia conjecturar a possibilidade de uma origem indiana da planta, mas essa hipótese deve ser igualmente afastada, porquanto o nome com que em sânscrito se denomina a romãzeira, *daḍimāḥ* (*daḍimam*, para o fruto), não é originariamente indiano, mas, segundo se crê, iraniano.<sup>16</sup> Seu verdadeiro hábitat e, portanto, seu centro de irradiação na antiguidade foram as terras quentes da Pérsia, Palestina e regiões adjacentes.

14. Cf. MAX VASMER, *Russisches etymologisches Wörterbuch*, III, p. 400.

15. SCHRADER-NEHRING, op. cit. I, p. 408-409.

16. Cf. MANFRED MAYRHOFER, *Kurzgefasstes etymologisches Wörterbuch des Altindischen*, II, pp. 29-30.



Sabe-se que no território palestino a romãzeira era cultivada desde épocas anteriores aos tempos bíblicos e chegou até a constituir, juntamente com a vinha, a oliveira e a figueira, uma das maiores riquezas do país. Seu nome figura, por motivos diversos, nas páginas dos mais importantes livros do Antigo Testamento. Da planta e do fruto, como produtos típicos da Palestina, dão-nos conta dois livros do Pentateuco — Números XIII, 23 e Deuteronômio VIII, 8 e XX, 5 — e dois dos chamados livros proféticos — Joel I, 12 e Ageu I, 19-20. No Cântico dos Cânticos, IV, 3, VI, 7 e 11, VII, 13 e VIII, 2, Salomão canta a beleza dos jardins, onde floresce a romãzeira, assim como a sedução de seus frutos, com os quais ele compara as maçãs do rosto de sua amada. Três dos chamados livros históricos — I Reis, VII, 19 e 20, II Reis, XXV, 17 e Crônicas III, 16 — referem-se às romãs que, à guisa de ornamento, estavam esculpidas nos capitéis das colunas de bronze do Templo de Salomão. Enfim, outro livro do Pentateuco — Êxodo, XXVIII, 33 e XXXIX, 24 — nos fala de romãs de púrpura violeta e escarlata que guardavam a parte inferior da túnica do sumo sacerdote.

Nessas, como em inúmeras outras passagens bíblicas, chamam-nos particularmente a atenção não só a antiquíssima familiaridade do povo hebreu com a romã, mas sobretudo a constante presença, no vocabulário hebraico ali utili-

zado, de um só e mesmo termo — *rimmôn*<sup>17</sup> — para expressar a noção não só da planta, a romãzeira, mas também do fruto, a romã. Ora, o hebraico *rimmôn* evoca, morfológica e semanticamente, o árabe *rummān*, apontado por Souza como étimo do port. *romã*. Como se pode verificar, não se trata de fortuita semelhança, mas de real afinidade entre as duas palavras, com as quais, aliás, se relacionam outras, integrantes de um mesmo grupo lingüístico, o chamado semítico comum. Basta que se comparem, com o hebraico *rimmôn* e o árabe *rummān*, o assírio *armanû* ‘damasco’ e também ‘romã’, o aramaico *rûmmānā* (var. *rimmônā*) ‘romã’ e o sudarábico *rumāni* (var. *ruman*) ‘vermelho’, isto é, ‘da cor da romã’, para se concluir que essas formas postulam uma raiz semítica trilítere, \**rmn*, de cuja existência já não é lícito duvidar.<sup>18</sup>

Ante o inconcusso testemunho dos fatos, não há como fugir à restituição da etimologia proposta, há quase dois séculos, por João de Souza. É evidente, pois, que o port. *romã* só pode proceder do ár. *rummān* e, como tal, nada tem a ver com o lat. *romana* (scil. *mala*), como, aliás, já o haviam notado Nimer<sup>19</sup> e Corominas.<sup>20</sup>

17. Cf. BROWN-DRIVER-BRIGS, *A Hebrew and English Lexicon of the Old Testament*, p. 941.

18. Cf. WOLF LESLAU, *Lexique Soqotri (Sudarabique Moderne)*, p. 401.

19. MIGUEL NIMER, *Influências Orientais na Língua Portuguesa*, n.º 499.

20. JOAN COROMINAS, *Diccionario Crítico Etimológico de la Lengua Castellana*, IV, p. 55, nota 1 à palavra ROMANA.